

**Universidade de São Paulo**  
**Escola de Comunicações e Artes**  
**Curso de Especialização em “Arte na Educação: Teoria e Prática”**

PESQUISA E INVESTIGAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA: CRIAÇÃO DE UM PERCURSO  
ARTÍSTICO

JESSICA EVELIN DA SILVA

**São Paulo**  
**2022**

JESSICA EVELIN DA SILVA

Monografia apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de especialista em Arte-Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Monique Deheinzelin

**São Paulo**

**2022**

*Os pequenos nos convidam a experimentar. Eles têm a arte dentro de si. Eles criam arte. Eles nos dizem algo. Algo que perdemos. Algo atraente e sedutor. Algo que reconhecemos. E que não podemos explicar. Tudo é muito maior. Para as crianças existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas são coisas inseparáveis.”*

*HOLM, Anna Marie, Eco-arte com crianças (2015)*

## **RESUMO**

Como estimular os percursos artísticos das crianças? Quais caminhos as escolas, famílias e ambientes de educação não formal podem perseguir para estimular o acesso a uma diversidade de experiências que possibilitem a criação, a imaginação e o seu percurso artístico?

O tema principal desta monografia é buscar referências de como podemos contribuir para o estímulo de um percurso artístico que valorize as pesquisas infantis e que possibilitem a imaginação. Pensando nesse percurso para além das artes visuais, mas também do teatro. O trabalho tem como objetivo trazer para a análise o aspecto interdisciplinar e o trânsito entre as linguagens artísticas, visto que será evidenciado como a arte na Educação Infantil pode ser trabalhada em todas as linguagens. Também apresento uma análise das cenas observadas, em que as crianças fazem pesquisas nas áreas do teatro.

Palavras-chave: arte, jogos teatrais, educação infantil.

1. Introdução	6
2. Caracterização do campo de pesquisa	6
3. Descrição de cenas	8
a. Primeira experiência:	8
b. Segunda experiência:	10
c. Terceira experiência:	11
d. Quarta experiência:	12
4. Reflexões sobre o ensino de arte na Educação Infantil	15
5. Caráter interdisciplinar	16
6. Considerações finais	19
Referências Bibliográficas	22
Anexos	23

## **1. Introdução**

A intenção desse trabalho é olhar atentamente aos percursos artísticos oferecidos às crianças de educação infantil. A inspiração para esse tema se deu através da observação diária das crianças dentro da escola na qual trabalho. Vejo que essa escola tem como valor a construção de um percurso artístico que propicia às crianças uma diversidade de conhecimentos e possibilidades de investigações com diversos materiais e meios. Contudo, identifiquei uma dificuldade em incluir no currículo mais profundamente um percurso que abranja também outras áreas da arte para além das gráficas e plásticas, por isso, o aspecto central é evidenciar as possibilidades de um trabalho interdisciplinar, que dê conta de abranger diversas áreas da arte.

Além disso, em minha breve experiência em estágios em algumas escolas municipais e espaços de educação não formal, percebi certa tradicionalidade no ensino de arte com crianças, a qual não contribui para esse percurso artístico que visa a criatividade. O uso de desenhos para pintar, desenhos de pontos para conectar e até mesmo o ensino de desenhos estereotipados fazem parte da realidade de muitos espaços.

Com isso, o propósito é fazer uma reflexão sobre como podemos instigar a criatividade, inventividade e pesquisas infantis dentro de um currículo que possa oferecer meios para que isso ocorra.

## **2. Caracterização do campo de pesquisa**

A escola em questão é uma escola particular, construtivista, localizada na região do Butantã, na cidade de São Paulo. Recebe um público de classe média alta, atende crianças a partir de 1 ano de idade. A escola possui berçário, Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio.

O foco deste trabalho é a educação infantil, mais especificamente a turma de Infantil 1, que possui crianças de 3 e 4 anos. É uma turma pequena, com 11 crianças, sendo 5 meninas e 6 meninos. É importante mencionar que apenas 3 crianças já estavam na escola desde os 2 anos e os demais entraram em 2022, nesta turma.

Para comentar as cenas observadas, é preciso abordar como a arte entra no dia a dia da escola e quais proposições fazem parte do currículo da Educação Infantil. Primeiramente, a arte

tem um papel central na rotina das crianças – todos os dias são garantidos dois momentos, um na primeira parte do dia que é destinado às sequências, ateliê, ateliê da natureza, investigações das crianças e ideias das professoras. Nesse primeiro momento são priorizados o trabalho com diferentes linguagens, são elas: pintura, escultura, fotografia, desenho, colagem, instalações, bordado, arte efêmera com elementos da natureza, dança e teatro.

Desta forma, o planejamento aborda uma diversidade de propostas que transitam por essas linguagens, porém, dança e teatro são as áreas menos exploradas. Existe um foco maior nas artes plásticas. A Educação Infantil possui um acervo de sequências registradas que ajudam as professoras a construir o planejamento de arte, mas também existe uma abertura para a observação das investigações das crianças e encaminhamentos a partir dessas investigações. Desta forma, as artes plásticas são priorizadas tanto por um aspecto de maior familiaridade da equipe, quanto pelas sequências de artes registradas serem voltadas para essa área.

Além disso, um aspecto importante do currículo de arte é a presença do ateliê de artes, tanto físico quanto o propositivo. O físico diz respeito a um espaço denominado ateliê, que é onde se concentram os materiais de arte – neste espaço temos ao alcance das crianças todos os materiais dispostos em carrinhos e caixotes. Os materiais deste espaço são: tintas, pincéis, argila, materiais de colagem, riscadores, suportes, utensílios, aventais e assim por diante. Também, existe um espaço destinado ao ateliê da natureza que contém: troncos, sementes, folhas, materiais de madeira, galhos de árvores, cestos de palha, entre outros. Esses espaços são de uso coletivo das turmas da EI, podem ser utilizados pelas crianças de forma autônoma e também dentro dos trabalhos realizados no dia a dia.

O ateliê propositivo consiste em um momento que acontece uma vez por semana, em que as crianças têm a possibilidade de vivenciar as diferentes linguagens que são contempladas na rotina e continuar suas investigações. Nas turmas de crianças até 4 anos as professoras montam o espaço de ateliê com todos os materiais já vivenciados pela turma; então são dispostos os de pintura, desenho, colagem, escultura e assim por diante. Quando as crianças chegam no Infantil 2, que são crianças de 4 anos e meio e 5 anos, elas já passam a organizar esse espaço com autonomia. Em síntese, é um momento que estão dispostos diversos materiais e as crianças podem escolher o que irão fazer, quais materiais irão usar, podem combinar diferentes materiais e criar a partir do que já vivenciou e do que está experimentando.

O segundo momento de arte é destinado ao desenho e acontece todo final de dia. As professoras fazem proposições de desenhos com uma diversidade de riscadores, suportes e interferências. Também são realizados desenhos de memória, de observação e efêmeros com diferentes materiais (elementos da natureza, palitos de sorvete, palitos de churrasco, barbantes e assim por diante).

É possível dizer que nesta escola, as crianças desde muito pequenas são estimuladas a vivenciar uma diversidade de experiências artísticas. São apresentadas inúmeras possibilidades de investigações a partir dos materiais e linguagens.

Cabe contar que a equipe que trabalha neste espaço é formada majoritariamente por professoras com um perfil reflexivo, desta forma, observamos uma equipe que está constantemente refletindo sobre a prática, aprofundando estudos e abrindo conversas para o compartilhamento dessas reflexões. Acredito que essa informação é relevante para conseguir dimensionar o perfil de um grupo de professoras, o que faz com que o currículo seja flexível e aberto.

Desta forma, temos uma equipe que se propõe a pensar sobre as infâncias, sobretudo arte e brincadeira, pilares importantes para este currículo. Com isso, conseguimos observar um movimento de muitos estudos através dos simpósios, que é um evento que acontece na escola a cada dois anos. Neste, as professoras se propõem a pensar e escrever sobre algum tema da prática, fazendo uma reflexão com o aporte teórico de autores que abordam o assunto. Os resultados de suas reflexões são compartilhados com a equipe – juntas passamos a pensar de forma coletiva para construir a prática a partir dessas reflexões.

### **3. Descrição de cenas**

#### **a. Primeira experiência:**

Um certo dia, mostramos para as crianças as fantasias da escola e o local que estavam armazenadas, dizendo que quando elas quisessem poderiam pegá-las na sala de música. Esta é uma sala que está localizada no meio do parque, fica sempre aberta e as crianças têm acesso a ela.

Cabe mencionar que todas as sextas-feiras, as professoras da educação infantil apresentam para as crianças uma história teatro, são escolhidos alguns contos e as professoras se produzem e interpretam os personagens das histórias. É um momento de muito apreço pelas crianças, que demonstram muita animação ao ver suas professoras interpretando diferentes papéis.

Dito isso, um dia no momento do parque percebi o movimento de algumas crianças na sala de música, um entra e sai de várias crianças do grupo. As crianças pegaram a caixa de fantasias e estavam animadas escolhendo quais fantasias iriam colocar. Decidiram escolher somente fantasias de animais, havia um leão, duas onças, um cavalo, uma girafa e um burro.

Logo começaram a conversar sobre as características dos animais:

L: O leão é o rei da floresta e ele é o líder, então eu vou ser o líder dos animais.

L.S: Mas a onça é mais rápida que o leão.

L: Mas o leão é o rei e não é amigo da onça.

L.S: Então eu vou ser a onça que corre para pegar o leão.

L: Está bom, então você tem que tentar me pegar.

L.S: Rual (rugido de onça)

Então, a onça saiu correndo atrás do leão e pelo parque rugiam. Quando um chegava perto do outro, interpretavam uma briga entre os animais e voltavam a correr. Enquanto isso, os outros animais foram até o ateliê, pegaram a caixa de tecidos e voltaram para a sala de música. Juntaram as camas elásticas e as cobriram com vários tecidos, a sala ficou inteiramente coberta.

C: Vamos pegar os tecidos para fazer as caminhas dos animais

A: Mas eles dormem nas árvores

C: Tudo bem, mas os tecidos pode ser os matinhos que tem perto das árvores

Depois de montarem todos os tecidos em cima das camas elásticas.

M: Pronto, a caminha dos animais está pronta. Eu vou ser a mamãe dos animais e vocês vão ser minhas filhinhas.

A: Está bom, eu sou a filhinha grande.

C: Mas não tem como a girafa ser mamãe de outros animais.

M: Tem sim, é só de brincadeira.

C: Então eu sou a bebê.

V: A M é a mamãe.

M: Filhinhas venham dormir com a mamãe, você vai dormir ali na sua caminha, você ali e você na outra. Durmam sem fazer barulho, mamãe vai estudar.

C: inhe inhe, estou com fome.

Nesse momento chega o leão e a onça.

L: Eu vou caçar para vocês.

L.S: Eu também.

M: Não precisa, eu que sou a mãe.

L: Mas a gente está brincando também, eu sou o rei.

M: Está bom, vocês podem ir caçar lá fora que meus filhos estão dormindo.

A brincadeira continuou até o final do parque.

b. Segunda experiência:

Os dias se passaram e a investigação de montar o espaço, os cenários e os enredos das brincadeiras foi surgindo em algumas crianças do grupo. Decidi começar a convidá-los a pensar na montagem de um espaço para brincadeira. Sugeri ao grupo que pensássemos em montar a brincadeira de uma história que eles haviam gostado bastante: *Cachinhos dourados e os três ursos*. De imediato a turma recebeu de forma positiva a ideia e já foram falando como poderia ser.

L: Vai precisar ter a caminha do papai urso, da mamãe urso e do bebê urso.

C: E também as cadeiras.

M: E também as sopas.

A: E eu vou ser a bebê urso.

M: Eu vou ser a Cachinhos.

C: Não, eu também quero ser cachinhos.

Professora: E com quais materiais vamos fazer essas coisas que vocês falaram?

L.S: Com cadeira ué.

L: Não, mas tem que ter uma pequena e uma de adulto. E uma de criança média.

Professora: Onde podemos encontrar? Tem outro jeito de fazer essas poltronas?

L: Tem que trazer de casa.

L.S: Não, a gente pode pegar uma cadeira da sala e as outras a gente coloca um meio de almofadas e um monte de almofadas. Igual tinha aquele dia.

C: E tecidos.

Uma professora já havia montado essa brincadeira uma vez e as crianças retomaram a organização que ela havia feito.

Professora: E a sopa?

M: A gente pode pegar as comidinhas.

Professora: Então já temos tudo ?

Crianças: sim.

Em outro dia as crianças montaram o espaço para a brincadeira, mas tiveram pouco tempo para brincar, então deixamos para outro dia. Havia o espaço do dia anterior e mais algumas brincadeiras dispostas. Um grupo de 5 meninos escolheram continuar o enredo da cachinhos dourados.

L: Eu vou ser o papai urso.

L.S: Eu vou ser mamãe.

P: Eu vou ser a Cachinhos dourados.

C: Eu vou ser o bebê.

L: Vamos ursos dormir na caminha.

Os ursos foram até as caminhas, bagunçaram elas e saíram correndo.

L: Vamos ursos, sentar cada um no seu sofá.

L.S: Corram ursos, a Cachinhos está vindo.

Os ursos começaram a correr da Cachinhos, eles corriam pelas poltronas, depois pelas camas e depois pelo parque. Quando o momento de brincadeira finalizou essas crianças perguntaram se poderia fazer mais vezes a brincadeira de história. Percebemos o quanto essa brincadeira as mobilizou.

c. Terceira experiência:

Em um dia de chuva sugeri para eles que me ajudassem a montar uma estação de brincadeira na nossa sala. Muito empolgados tiveram a ideia de montar um espaço de brincadeira de história, então começaram a pegar os materiais que achavam interessantes: tecidos e fantasias. Sugeri de montarmos alguma coisa com um brinquedo de montagem gigante, eles achavam que ficaria bom ser um castelo. Começamos a montar o castelo, algumas crianças iam falando onde era melhor colocar cada peça enquanto outras iam montando. Quando terminaram, chamaram os amigos dos outros grupos para brincar.

Crianças: vocês podem brincar na nossa sala.

L: É um lugar de fantasia e castelo.

C: E tem tecido também.

L.S: Mas não pode desmontar e quebrar o castelo.

Algumas crianças do outro grupo entraram curiosas pela brincadeira, enquanto as que haviam montado as orientavam.

L: Vocês podem colocar a fantasia que vocês quiserem.

M: E vocês podem entrar no castelo para brincar.

A brincadeira começou com as crianças escolhendo fantasias, tiravam e colocavam, trocavam entre si, entravam no castelo e logo saíam. Algumas crianças se fantasiaram e foram para outros espaços brincar, enquanto outras decidiram organizar melhor o espaço de acordo com o que haviam escolhido como brincadeira.

P: E se esse castelo foi o castelo de fantasma?

L: É, a gente pode ser os fantasmas e esse castelo vai ser nossa casa.

L.S: Mas não está parecendo um castelo de fantasma.

L: Vamos colocar tecidos.

P: Eu vou pegar esse aqui.

L: Vamos deixar monstruoso.

C: As crianças vão ficar com medo dos fantasmas.

Um grupo de 6 crianças passou o período do parque, equivalente a uma hora e 15 minutos dentro da sala, transformando o castelo em um castelo fantasma. Eles foram criando o espaço de diversas formas, viam como estava e modificaram de acordo com as ideias que iam surgindo. Cada adulto ou criança que adentrava a sala eles logo explicaram o que haviam construído.

L: É um castelo fantasma pra gente se esconder.

P: A gente tem que se esconder no nosso castelo fantasma, vai atacar em meia hora.

Ao mesmo tempo que eles iam modificando o espaço, iam criando o enredo de que eram fantasmas e o castelo era o local que iriam se esconder de possíveis ataques. Fizeram uma grande construção que foi se modificando de acordo com o enredo que estavam criando.

d. Quarta experiência:

Em uma roda de conversa a professora recupera as três experiências vividas pelas crianças: a primeira que aconteceu de forma espontânea no parque e as crianças criaram um cenário e enredo de animais; a segunda proposta pela professora, em que foi lido um conto e sugerido às crianças que montassem uma brincadeira com o cenário da história; a terceira aconteceu com a sugestão de montagem de brincadeira pela professora e as crianças escolheram montar a “brincadeira de história”. Durante essa retomada da professora, as crianças teceram alguns comentários:

A: A gente podia ser qualquer animal

L.S: A gente brincou de cachinhos dourados e os três ursos

L: Eu quero fazer de novo. Teve o Mingau.

L: Teve um dia que você está esquecendo, que vocês fizeram a história da Cachinhos também.

Professora: Vocês quem?

L: As professoras, lembra? Vocês fazem a história-teatro.

Após essa conversa inicial, a professora sugere às crianças um momento de pensar na montagem de um espaço para brincadeira, que poderia ser da escolha deles.

L: Eu vou querer de castelo de fantasma.

Outras crianças: Eu também, eu também.

Professora: O que a gente precisa para fazer essa brincadeira?

L: A gente precisa daquelas madeiras pra montar e daí tecidos e daí almofadas pra por dentro.

L.S: Tecidos pra cobrir, madeiras pra montar e almofadas pra por dentro.

Professora: Precisa de mais alguma coisa pra essa brincadeira?

Crianças: Não.

A: Sim, das fantasias.

L: E a gente vai virar também.

Professora: Como assim?

L: A gente vai ser a crianças e o nosso rei cuidava da gente que era, eu não sei quem vai ser. Quem quer ser o rei?

L.S: Eu.

L: Tá, vai ser o L.S. E então ele vai mandar pra gente fazer o castelo e ele também. Porque um dia eu que fui o rei.

C: Eu vou virar zumbi.

A: Eu vou ficar com eles, uma criança do rei.

L: Tá, então nós dois somos crianças do rei.

M: Eu vou ser a princesa do castelo.

L: Então você também vai cuidar da gente.

L.S: Eu vou ser o rei dos que matam os fantasmas está bom?

A: Eu vou ser o zumbi.

L: Já tem um rei, duas crianças, dois zumbis e uma princesa.

M: Mas eu vou ser a princesa rainha .

L.S: Eu vou ser cavaleiro

L: O L.S. mudou, ele vai ser o cavaleiro. E a M. vai ser a mãe rainha princesa que manda em nós.

V: A gente vai fazer um castelo de madeira.

Professora: tudo pronto? Podemos começar?

Crianças: Sim, vamos pegar as coisas.

Nesse momento as crianças já nem se lembravam do enredo construído na roda, o encanto pelas fantasias foi tanto que a brincadeira se transformou em troca de fantasias, eles colocavam uma fantasia, entravam no castelo que construímos juntos e saíam com a vontade de trocar novamente. E desta forma a brincadeira teve diversos enredos e momentos, cada criança se transformou em mais de um personagem e isso fez com que o rumo da brincadeira se modificasse várias vezes. Registro aqui algumas falas dessa brincadeira:

L.S: Gente essa fantasia é de fada borboleta, quem quer ser?

Duas crianças: Eu.

L.S: tem duas, vocês podem ser borboletas fadas.

M e C: Somos borboletas fadas, vamos voar pelo castelo.

L: Eu sou tubarão e vou nadar nesse riozinho.

M: Eu vou ser rainha princesa fada.

L: Eu vou ser um leopardo carnívoro gigante e vou entrar no castelo.

L.S: Eu vou ser um tucano com bico que vai picar todas as pessoas.

A: Eu sou zumbi e vou comer vocês.

C: Eu quero coelho.

L: Vamos deixar aqui e quem quiser mudar pode mudar.

M: Eu vou ficar lendo esse livro de receitas porque as rainhas gostam de ler.

L.S: Olha, tem barbatana, olha.

A: Eu quero de tubarão.

L: Você pode fingir que é de borboleta.

C: Eu sou zumbi.

L.S: Joaninha, quem é a joaninha?

C: Eu vou comer vocês.

L: Eu tenho dentes gigantes.

L.S: E eu barbatanas.

C: Eu sou a joaninha, não sou mais zumbi.

#### **4. Reflexões sobre o ensino de arte na Educação Infantil**

O que significa ser criança nos dias de hoje? Esse é o questionamento que tem inundado as reflexões acerca da infância. O livro *Um mundo aberto* de Maria Emilia López mostra a possibilidade de fazer um trabalho com potencialidade, pensando nos dias atuais e na concepção de infância.

A autora começa o texto falando sobre a garantia dos direitos das crianças e a necessidade de que os adultos possam olhar para esse direito cultural da criança com respeito e disponibilidade. Segunda ela, a infância tem um caráter heterogêneo que constrói sensibilidades, representações e afetações diversas, com isso é preciso buscar a criação de experiências culturais para além da lógica cultura-mercadoria. Essa lógica, faz com que o consumo infantil se instale no cotidiano. São muitas mutações culturais que fazem com que as crianças se diferenciem pouco dos adultos, devido à relação de consumo e acesso à informação.

A partir disso, Maria Emilia identifica a geração videoeletrônica, em que as crianças são submetidas a um bombardeio de impulsos intensos, velozes e invasivos. A presença familiar foi substituída pela presença de máquinas que se entram no processo de transmissão da linguagem. Assim, as crianças estabelecem relação direta entre a velocidade de exposição da mente a mensagem videoeletrônica e a crescente falta de atenção. Ou seja, a linguagem, corpo e tempo são afetadas pela variação sócio eletrônica-informática. Proporciona uma infinidade de estímulos e entretanto, pobreza de experiências. A autora aponta a importância de criar dispositivos que aproximem os adultos e as crianças da ideia de experiência, de um encontro com a sensibilidade, com o brincar, pensar, sentir e refletir.

Com isso, quando pensamos em arte nas escolas é imprescindível construir um currículo que favoreça esse encontro com a sensibilidade – nada mais sensível que a potência da arte, da

criação, do desenvolvimento da criatividade. Para isso, se faz imprescindível seu aspecto interdisciplinar – é preciso que as artes do corpo também sejam consideradas e formuladas nos currículos. Como descrito neste trabalho, a escola analisada possui um currículo que abre possibilidades de criação, as cenas descritas tentam dar conta desse currículo interdisciplinar, trazendo o jogo teatral como uma possibilidade de trabalho.

Ao afirmar que "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca," LARROSA (2002, p.21) torna perceptível a potência que a experiência possui. A infância tem sido inundada por uma sociedade da informação, a qual se acostumou com a velocidade dos acontecimentos e então pouco se olha, pouco se observa, pouco se tem atenção. A questão que permeia esses apontamentos é: Como proporcionar experiências que toquem as crianças em meio a esta sociedade?

Sem sombra de dúvidas, a escola é um local em que essas experiências precisam acontecer, ainda mais quando falamos na primeira infância. Dentro disso, Maria Emilia Lopes nos dá grandes contribuições ao evidenciar que tudo o que o mundo oferece, é para as crianças, oportunidades de explorar e criar. As crianças percebem o mundo através da linguagem e tudo aquilo a qual a palavra não alcança, pode ser alcançado pela experiência, principalmente, a experiência artística.

A arte, como jogo, é a ruptura com o habitual, com o sabido. Toda percepção estética deixa rastros em nós. O fato de a arte ser um lugar de experiência significa que as crianças e, nós, os adultos, aprendemos algo mais acerca de nós mesmos e do mundo, além de nos comovermos ou desfrutarmos. Ninguém volta do encontro com a arte sem algum ganho emocional, estético, subjetivo ou cognitivo (ou todos eles juntos). (LÓPES, 2018, p. 57)

Para pensar o percurso artístico das crianças, se faz necessário pensar sobre as experiências vividas em sala de aula e como tem sido para as crianças as vivências de seu dia a dia – tem sido experiências que tocam ou que passam sem deixar marcas?

## **5. Caráter interdisciplinar**

É um desafio o ensino de arte que favoreça as potencialidades das crianças, um desafio ainda maior, é integrar neste currículo as artes do corpo como dança e jogos teatrais. A autora Ingrid Koudela em seu livro *Jogos Teatrais* aponta que pensar em teatro nas escolas é pensar em

libertar a criatividade da criança a partir de um ambiente que proporcione iniciativas, e não propriamente ensinar teatro.

A autora conta um pouco sobre a função simbólica que está contida nos jogos dramáticos, ela diz que a representação por meio de símbolos é o meio que os seres humanos utilizam para organizar suas experiências e compreendê-las, contudo, na criança o símbolo não está inicialmente colocado como instrumento do próprio pensamento, a função simbólica vai sendo construída a partir do momento que a criança representa uma ação na ausência do seu contexto, ou seja, a criança representa sua própria concepção sobre o contexto real. E por fim, o jogo contribui para a passagem da representação contida no ato, para o pensamento.

Esses apontamentos de Koudela sobre a função simbólica nos ajudam a pensar na potencialidade de trabalhar jogos teatrais com crianças pequenas, visto que o jogo simbólico potencializa o processo inventivo e criador. Através da representação as crianças interiorizam a ação e passam para o campo do pensamento, nesse processo estão criando e inventando: um contexto, personagens, ações, cenários. O faz de conta mobiliza muitas camadas do pensamento infantil, sendo um processo rico e transformador.

Com isso, podemos identificar nas cenas descritas a potência desse trabalho. As crianças foram criando o cenário, o enredo e os personagens. Percebemos algumas mudanças que foram acontecendo nas brincadeiras e que marcam o pensamento e ação juntas. Como por exemplo, na brincadeira do fantasma, eles modificaram o castelo muitas vezes, seguindo ideias que iam surgindo no decorrer da brincadeira. Também, na última cena, as crianças modificaram todo o enredo pensando inicialmente e foram criando a partir do que estavam vivendo enquanto coletivo e a investigação que os materiais (fantasias) iam proporcionando.

Tudo isso faz parte de um processo de criação muito particular dessas crianças, em que as brincadeiras e jogos teatrais entram no currículo para contribuir com o processo que evidencia a importância do jogo simbólico e a riqueza dele para a criação. É bonito pensar que na infância é possível ser tudo: mamãe, papai, filhinho, animais, monstros, bruxas, fantasmas e assim por diante. Mas é preciso que elas tenham espaço para ser qualquer coisa, é preciso que elas sejam autorizadas a libertar sua criatividade e tenham ferramentas para que isso ocorra. Quando

pensamos em jogos teatrais a preocupação não é com a cena, com o resultado ou apresentação, mas sim com todo o processo de simbolização, de atuação e da representação.

Como descrito na caracterização do campo de pesquisa, a escola em questão possui um currículo que prioriza o trabalho com arte, e professoras que investigam e refletem sobre a prática. O que faz com que o currículo seja flexível e repleto de possibilidades. A arte está contida no dia a dia dessas crianças, mais que isso, as crianças investigam os materiais e as diversas linguagens com autonomia, possuem espaço para fazerem pesquisas e investigações individuais e coletivas.

É revelador conseguir observar essas investigações e conseguir identificar o processo percorrido por aquela criança para além de seu resultado final. Para exemplificar, no ano passado uma criança de 4 anos estava fazendo uma produção de arte com diferentes materiais. Primeiro, ela fez círculos com caneta, depois pintou esses círculos. Depois respingou tinta no papel e fez isso muitas vezes. Seu suporte estava quase todo respingado- todo colorido, o que esteticamente estava impressionante - em poucos segundos retorno a observação e o suporte estava com uma cor quase que indetectável. No final, ela passou as unhas em cima da tinta fazendo uma espécie de risco e nos contou que havia feito uma demolição de cores, que eram tantas as cores que ninguém identificaria quais eram.

Essa é a beleza do processo, conseguir olhar para uma produção e entender todos os pensamentos envolvidos naquela investigação, todo o significativo que a produção carrega de processos e criação. Essa criança fez um percurso de investigações, viveu situações com esses materiais, teve uma experiência íntima com cada linguagem o que a propiciou construir camadas com significantes até chegar a um produto que continha um resumo de todas as investigações. Foi um processo de criação estimulado através da construção de diversas experiências contidas em um currículo voltado para a autonomia e desenvolvimento de criação.

É importante destacar que apesar disso, ainda é um desafio o caráter interdisciplinar de arte na escola, visto que são contempladas com maior facilidade as artes plásticas, como as propostas diárias que incluem essa linguagem e as sequências. E com menor facilidade, em situações mais pontuais e de pesquisas individuais de cada professora, a dança e o teatro.

Com isso, compreende-se que as propostas que consideram a construção contínua da função simbólica, a qual propicia a criação de significantes e significados, podem fazer parte

desse currículo interdisciplinar de forma que evidencie o desenvolvimento da criatividade. Como mencionado pela autora Adriana Klisys em seu livro *Quer jogar?*, “a vivência lúdica sem dúvida é a alma da criatividade” (2010, p.38)

Quando propomos situações em diversas áreas estamos abrindo possibilidades de relacionar conhecimentos, combinar meios, abrir os campos de visão e oferecer experiências significativas. Quando trago a situação observada para o campo dos jogos teatrais, penso que para além de me aprofundar na cena observada, também cabe mencionar as propostas de arte que fazem parte do dia a dia das crianças de maneira geral, pois estas são fundamentais na transposição dos conhecimentos para criação.

As crianças vivenciam diariamente diversas proposições de arte, como: pintura em mural (parede), pintura em diferentes suportes, colagem com diversos materiais, desenho de observação, desenho de memória, desenho com interferência, modelagem em argila, recorte.. Conhecem diferentes riscadores (giz, giz pastel, giz molhado, canetão, canetinha, caneta futura e assim por diante) e diversos suportes (creative paper, colorset, alto alvura, sulfite, craft etc).

Acredito que dois momentos da rotina revelam muito sobre esse currículo que abre possibilidades de autonomia e criação, são os ateliês e ateliês de elementos da natureza. Nesses momentos as crianças são convidadas a criar, sem direcionamento algum, somente ela e a possibilidade de investigar por intermédio do encontro com materiais já conhecidos.

## **6. Considerações finais**

As experiências apresentadas articulam o espontâneo e o estruturado. O espontâneo entra em um espaço em que as crianças têm autonomia para escolher o que querem brincar e desta forma escolhem de maneira autônoma criar um enredo de brincadeira, descrito na primeira experiência. O estruturado passa a acontecer quando a observação da professora traz esse enredo para o contexto de grupo, coma disponibilização das fantasias e materiais para a construção dos cenários, como por exemplo, o cenário da Cachinhos dourados e os três ursos e o cenário do castelo. Esses momentos estruturados precisam da condução da professora e isso significa que entram como um elemento curricular.

Cabe mencionar que o grupo de crianças passou por mais de 2 anos em pandemia, dessa forma, infelizmente a maioria das crianças não teve experiências em teatros e espetáculos. O que

faz com que a escola seja ainda mais um espaço importante para aproximar as crianças desse universo; pensando nisso, as professoras iniciaram um movimento de apresentar para as crianças o que chamamos de história teatro. Todas as sextas-feiras as professoras escolhem uma história e fazem um teatro para as crianças – neste ano já foram apresentadas as seguintes histórias: Os três bodes da montanha, Chapeuzinho vermelho, Os três porquinhos, Cachinhos dourados e os três ursos, Rapunzel e Galinha vermelha.

Nestas apresentações as professoras se aproximam ao máximo do que conhecemos como teatro, montam o cenário, se caracterizam de acordo com os personagens, fazem ingressos para as crianças entregarem na “entrada” do teatro, montam um espaço para a plateia e assim por diante. É um momento muito aguardado pelas crianças de todas as turmas.

Este é um elemento do currículo que contribui de forma direta para a construção de um repertório das crianças e que mais tarde será transformado em criação por elas, propiciado pela função simbólica, tão importante no desenvolvimento da criação. A autora Viviane Anselmo, em sua dissertação de mestrado, cujo título é *Educação Infantil, dimensão brincalhona, gênero e profissão docente: o que professoras e professores têm aprendido com meninas e meninos pequenas/os?*, aponta sobre os papéis de gênero impostos a homens e mulheres na sociedade, através de uma pesquisa que contou com a entrevista de professores homens e mulheres.

O ponto importante dessa dissertação para este trabalho, é sobre o modelo que os professores oferecem às crianças. Em uma das entrevistas, a professora entrevistada conta sobre o ato de subir na árvore, a pesquisadora percebe que quando a professora mulher sobe na árvore, existe uma representatividade para as meninas que difere de quando o professor homem sobe. Segundo a autora, as meninas se sentem capazes e autorizadas a fazer o mesmo. Cabe mencionar um parágrafo interessante deste trabalho:

Assim, as experiências sensíveis dos corpos, aqui relacionadas principalmente às criações brincantes e às manifestações expressivas e artísticas, mostram-se como caminhos essenciais para que meninas e meninos, bem como suas professoras e seus professores, vivenciem plenamente as possibilidades de suas dimensões brincalhonas, apoiadas na potencialidade de suas criações e na liberdade como requisitos para que elas aconteçam. (ANSELMO, 2018, p. 97)

Nesse caso, conseguimos perceber o papel de modelo dos professores, seja em uma situação de gênero como descrito pela pesquisadora, seja em uma situação de proposições, descritas neste trabalho. Neste caso, as professoras têm papel primordial de modelo para as crianças, a partir de suas apresentações e de como seus corpos se colocam no dia a dia das crianças. Assim abre-se para os grupos um leque de possibilidades de criação, de autorização de exercer seus corpos brincantes e também dá possibilidade à imitação, aspecto encontrado na função simbólica.

Conclui-se que construir um percurso artístico que ofereça às crianças o conhecimento e a experimentação da arte em todas suas vertentes, plásticas ou corporais, propicia às crianças ter um repertório para a criação. Isso significa, que através deste trabalho foi possível chegar a reflexão de que a interdisciplinaridade se faz necessária quando pensamos em processos de criação, principalmente na arte. Ter experiências em diferentes áreas propicia às crianças o intercâmbio de ideias, que faz com que suas experiências sejam ricas, diversas e possibilitem a criação. As crianças são grandes exploradoras do mundo, é preciso que possamos oferecer para elas um pouquinho de cada coisa desse mundo.

Quando pensamos no intercâmbio entre os jogos teatrais e a função simbólica através da brincadeira, temos uma interdisciplinaridade que se complementa e abre caminho para o transbordamento da criação. Dentro disso, é preciso mencionar o olhar para a infância em sua inteireza, as crianças trazem consigo essa interdisciplinaridade, elas são um todo, não colocam em caixas o que sabem, pelo contrário, acionam todos seus conhecimentos no momento da criação.

E por último, segundo Adriana Klisys:

*O verbo conjugado no passado para uma brincadeira no presente remete a um tempo não cronológico, a um campo de fantasia mesclado com realidade, um tempo da possibilidade vindoura de tudo o que a imaginação permitir. (2010, p.38)*

Que possamos nos perder no tempo das experiências e deixar que a imaginação chegue a um mundo de possibilidades. Para que isso aconteça, se faz necessário a construção de um currículo interdisciplinar.

## Referências Bibliográficas

ANSELMO, Viviane Soares. *Educação Infantil, dimensão brincalhona, gênero e profissão docente: o que professoras e professores têm aprendido com meninas e meninos pequenos/os?*. Orientação PRADO, Patrícia Dias. Dissertação mestrado- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KLISYS, Adriana; STELLA, Carlos Dala. *Quer jogar?*. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. (trad. João Wanderley Geraldi). I Seminário Internacional de Educação de Campinas. São Paulo, 2001.

LÓPEZ, María Emilia. *Um mundo aberto: Cultura e primeira infância*. (trad. Cícero Oliveira). São Paulo: Instituto Emília, 2018.

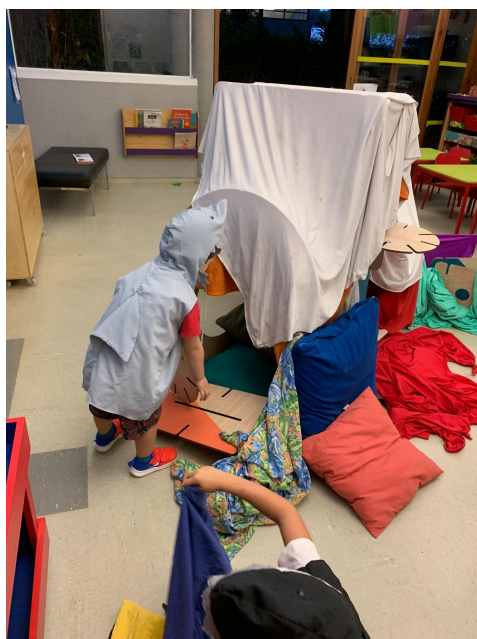
## Anexos

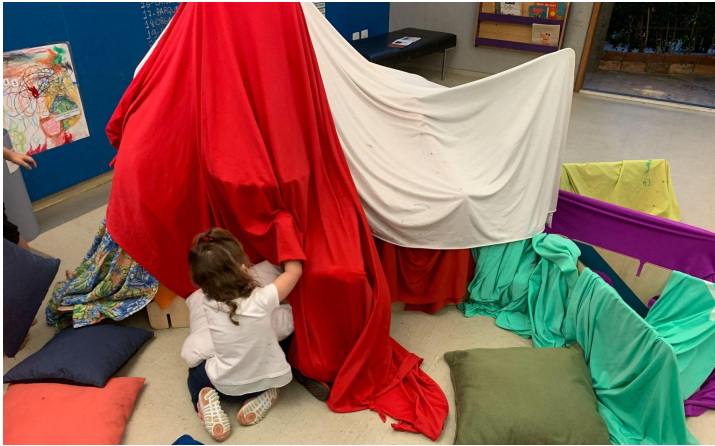
Fotos das professoras apresentando história teatro:



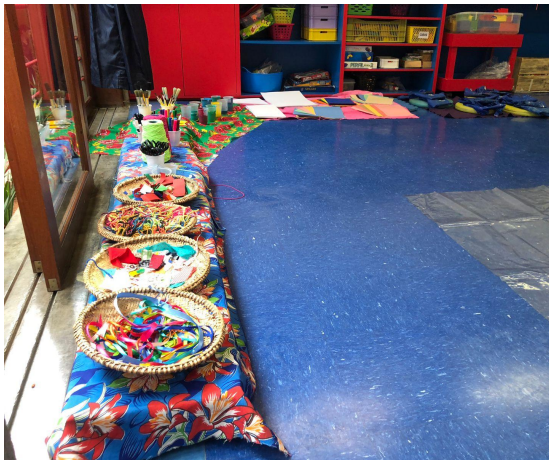
*Os três bodes da montanha*

Foto dos castelos:





Ateliê propositivo:





Ateliê da Natureza:

